

Luz de Outono.

Guto Bassi - 25/09/2012

A luz era oblíqua. Não incidia diretamente sobre as coisas, mas de lado, produzindo sombras longas contra o chão. Parecia ser assim o tempo todo, mesmo no horário mais quente do dia, quando se esperava que o sol estivesse à pino, delimitando os objetos de uma forma crua, dura, implacável. Continuava oblíqua. Meio de lado. Deixava tudo mais suave, criava volumes e profundidades que, obviamente, passavam despercebidas para a maioria das pessoas. Todos viviam ocupados demais, cansados demais, famintos demais, apressados demais e com tempo de menos para poder pensar na obliquidade da luz. Ou das sombras que ela produz. Obliquamente.

Ele puxou de leve as rédeas do cavalo e parou no alto da colina. Naquele horário do final da tarde a luz do outono estendia longos dedos pela paisagem, como se os raios do sol poente fossem dedos que acariciassem a terra, um carinho lento e relaxante, como que preparando-a para dormir sob o manto branco do outono que se aproximava. Quase sorriu ao perceber que a grama alta dava a impressão de receber o carinho do sol, como se fossem fios de cabelo recebendo um cafuné. Seus olhos claros esquadriavam a paisagem, procurando o que já sabia estar ali. Seu nariz o avisara de que uma fogueira ardia em algum lugar próximo. Vira a coluna de fumaça de longe, subindo reta no céu sem vento. Agora estava ali, poucos passos adiante, recebendo tons vermelho acobreados de um sol oblíquo, destacando-se contra um céu quase sem nuvens. Saía de uma chaminé de pedra, plantada em uma cabana de aspecto miserável. Instintivamente a mão direita desceu à cintura, do lado esquerdo, de onde penderia a espada. Parou o gesto a meio caminho. Renunciara a usar espada há pouco tempo mas velhos hábitos são difíceis de mudar. As palmas das suas mãos ainda guardavam os calos que o manejo das armas impuseram ao longo da vida. Sua lembrança mais remota era a de ter uma espada ali, primeiro de madeira, depois de aço. O retinir do entrecchoque das armas era um som tão familiar a ele quanto o da própria respiração. A vibração do aço cortando carne tão reconhecível quanto a própria pulsação do seu sangue pelo corpo. Arrepiou-se, mais pelo quanto a lembrança era desagradável do que pelo súbito vento frio que soprou do sul. Suspirou. A noite se aproximava rapidamente e ali, no topo da colina, o vento seria bem mais enregelante do que na ravina protegida que se estendia aos seus pés. Cutucou de leve os flancos do cavalo que, relutantemente, parou de comer a gorda grama verde e caminhou com passo lento até a cabana.

Apeou devagar, ouvidos atentos aos ruídos que vinham de dentro da construção. Era uma cabana miserável, logo se via de longe. Ao menos no aspecto: paredes de barro, cobertura de grama. Quando chovia devia deixar passar bastante água para seu interior, como se o céu chorasse, ele pensava. Mas era uma cabana habitada, como a fina linha de fumaça denunciava. Talvez fosse recebido com amizade, talvez lhe oferecessem o conforto de uma fogueira, o calor de uma boa conversa durante a noite. Talvez fosse hostilizado. Se fosse esta última a opção, não lutaria. Talvez seu corpo reagisse e ele se esquivasse. Afinal treinara para isso a vida toda. Mas agora não estava armado. Não mataria mais. Decidira isso e manteria sua promessa. As vidas dos homens já eram curtas. Cansou de encurtá-las ainda mais.

Não tentou evitar de fazer barulho. Queria que sua presença fosse notada. Ninguém que se aproximasse sorratamente deveria ser bem-vindo, essa era uma regra que mesmo o mais ignorante dos camponeses sabia. Ou intuía. Quem se aproximasse assim, despreocupadamente, provavelmente oferecia menos risco, embora nada fosse uma garantia. Ainda mais nesses tempos. Imaginou, enquanto se aproximava, se ouviria o silvo de uma flecha voando em direção ao seu peito. Talvez sentisse um impacto. Como seria jazer naquela grama, empapando-a com seu sangue enquanto sua vida se esvaía? Bateu um pé no chão, esticando as pernas e tentando afastar esses pensamentos

lúgubres. Fosse qual fosse a sensação não seria hoje o dia em que descobriria. A flecha nunca veio. Nem qualquer barulho humano do interior da cabana. Apenas ouvia o leve crepitar da madeira queimando. Precisou abaixar-se levemente para olhar para dentro da cabana.

Ela estava sentada de lado para a porta. Ouvira o cavalo se aproximando, mas ainda assim não se mexera. Sabia que não havia como fugir. Nem onde se esconder. Desistira de tentar evitar as dores que a vida lhe impunha há bastante tempo. Apenas aceitava e tentava não pensar muito sobre isso. O que mais poderia uma mulher fazer? Vivia, comia, plantava, colhia. Às vezes se divertia, bebia, conversava. Sobrevivia. E fugia das más lembranças. Por vezes acordava à noite, presa de pesadelos, lembranças que a assaltavam quando suas defesas estavam abaixadas. Coisas que não deviam estar ali. Em lugar de coisas boas, de lembranças agradáveis algumas lembranças más, como animais perigosos, pareciam espreitá-la da escuridão de sua memória. Emboscados. Esperando que ela se distraísse para atacá-la, para causar dor. Acordava em meio aos pesadelos gritando, as faces molhadas por lágrimas que ela não deixaria mais ninguém ver. Era forte, lhe diziam. Só humana, ela pensava. Agora suas bochechas estavam secas. E ela imóvel, fitando o fogo. Não sabia quem entraria pela porta. Mas sabia que ele entraria. Era um homem. E homens sempre entravam. Na sua vida, na sua casa, no seu corpo. Não importava o quanto ela lutasse, desejasse que não fosse verdade ou tentasse fazer sua vontade valer. A vida era assim. Homens vinham e iam. Todos são assim. E ela acabou por aceitar. O que mais uma mulher poderia fazer?

Ele entrou na cabana e pigarreou, tentando tirá-la da sua imobilidade junto à lareira de pedra. Nada aconteceu. Se não era surda, não se importava com a presença dele. Notou que era uma mulher alta, com traços longos, elegante, agradável de se ver. Não usava roupas diferentes da maioria das mulheres que se via todos os dias, as mesmas cores escuras que todas usavam. Tinha cabelos lisos, negros, que caíam abaixo dos ombros e que pareciam ter sido escovados com esmero. O reflexo das chamas na lareira arrancava reflexos azulados deles. Uma luz azulada e oblíqua, ele notou. Caminhou até ela e mesmo tendo percebido a sua aproximação ele não notou tensão no corpo da mulher. Continuava sentada, os olhos voltados para as chamas, sentada sobre um cepo de madeira. Ele não saberia dizer se havia móveis dentro da cabana: seus olhos estavam fixos nela e apenas sua figura parecia existir. Sentou-se na frente dela, em outro cepo que ali estava, do outro lado do fogo. Por um longo momento ficaram ali. Ela fitando o fogo. Ele fitando seu rosto, observando o nariz arredondado, pequeno, o queixo um tanto longo, que denunciava uma personalidade forte. Sabia que era ela seria considerada bonita em qualquer lugar, por qualquer homem, mas percebeu imediatamente que não era isso que prendia sua atenção. Não saberia dizer o que era. Apenas sentia que era algo mais. Os olhos dela lentamente desgrudaram-se do fogo e encontraram os dele, sem curiosidade, sem alegria, mas também sem frieza. Ele notou que eram castanho claros, que pareciam reter um pouco da obliquidade dos raios do sol de outono que ele vira na paisagem. Tinham reflexos dourados. Havia uma certa curiosidade neles, mas o que mais lhe chamou a atenção foram as certezas. As histórias. Lia nos olhos dela as decepções, as decepções. A vida. Era uma mulher que vivia. Tivera prazeres. Dores. E desistira de coisas que lhe tinham sido muito caras. Talvez coisas que ela desejara terem durado para sempre. Fitaram-se pelo tempo de algumas respirações até que ela voltou novamente os olhos para o fogo, sem dizer nada. Ele também desviou o olhar, pensativo, por alguns instantes. Sobre a fogueira que crepitava cada vez com menos intensidade havia uma grelha de ferro, vazia. Ao lado da lareira, uma pilha de galhos bem arrumada. Com gestos lentos colocou mais algumas achas no fogo e saiu da cabana.

Seu cavalo estava parado, onde ele o deixara. Calmamente aproximou-se e afrouxou os arreios. Retirou o freio e deixou o animal livre para se movimentar. Se ainda se sentisse um guerreiro jamais faria isso. Talvez o cavalo fugisse. Talvez o roubassem.

Talvez simplesmente se afastasse demais para ser ouvido quando chamado. Agora aquilo pouco lhe importava. Se não tivesse um cavalo, iria caminhando. Não tinha um lugar para ir, tampouco para voltar. Portanto não tinha pressa também. Jogou seus pertences no chão, junto à porta. Não havia sido convidado a ficar, embora ela também não o tivesse mandado embora. Seria mais lógico levar a sela, o freio, os alforjes para dentro, mas não o fez. Apenas abriu uma bolsa das que pendiam do arçã e dali retirou um embrulho. Voltou a entrar na cabana.

Ela continuava na mesma posição, sentada. Desta vez ele percebeu que ela ficou tensa com sua aproximação, talvez antecipando o toque do homem quem vinha tomá-la. Mas não era essa sua intenção. Agachou-se em frente à lareira e do embrulho que trazia tirou um pedaço de carne crua que jogou sobre a grelha. Comprara-o de um fazendeiro naquele mesmo dia, um belo naco suculento retirado do lombo de um cordeiro, com uma camada de gordura esbranquiçada envolvendo um dos lados. A moeda que lhe custara fora enormemente generosa, mas não resistira à beleza da peça de carne e resolveu que se daria este presente. Agora lhe parecia mais do que lógico dividi-lo com a dona da cabana, embora não soubesse quem ou o que era a mulher. Nem o que o levava a pensar assim. Reassumiu seu lugar na frente dela, sentado do outro lado do fogo, vigiando a carne.

Desta vez os olhos dela não estavam mais no fogo. Olhavam para ele. Percebera antes que ele tinha olhos claros, de uma cor cambiante, entre azul e verde e que havia ali uma luz diferente. Não se fixavam nela com aquela fome de lobo com que os homens costumavam encará-la. Apenas olhavam para ela e, em seu íntimo, ela havia estremecido, como se jamais houvesse sido olhada assim. Não se sentia só nua diante dos olhos dele: sentia-se transparente. Entendida. Percebida. Como se ele a visse mais do que a olhasse, embora as palavras tivessem soado tolas na sua mente. Bobas demais para ser expressas em voz alta. Quando ele retornara ela achara que tinha se enganado, que ele a tomaria e usaria como os homens faziam sempre, daquela maneira que julgavam ser seu direito natural. Alguns de forma rude, quase dolorida. Outros com jeito, deixando tudo muitas vezes agradável. Era a natureza das coisas. Mas ele, mesmo a tendo notado, não fizera isso. Parecia esperar. Uma dúvida cruzou-lhe a mente: seria ele um daqueles homens que apreciavam mais outros homens do que as mulheres? Uma rápida inspeção a fez afastar essa ideia. Não, ele não parecia ser esse tipo de pessoa. E, ela pensou, seria uma pena se fosse. Nesse exato momento os olhos dele saltaram do fogo para o rosto dela que, surpreendida com este pensamento, corou e desviou os olhos, como que subitamente interessada na carne que começava a pingar sua gordura sobre o fogo e a exalar um cheiro que fazia sua boca instintivamente se encher de saliva.

Ele notou o olhar que fugia. Obliquamente, de novo, pensou. Sentiu que ela o observara e gostaria muito de saber que ideias cruzavam sua cabeça. O que veria ela? Um guerreiro velho, um homem cansado? Talvez fosse mais superficial do que isso e notasse suas roupas largas, um tanto velhas e disformes. Talvez a barba curta, o bigode que ele lutava para manter aparado mas que crescia como bem entendia, entremeado pelos fios brancos. Talvez o corpo atarracado, desgracioso, mais afeito às agruras do campo de batalha do que destinado a arrancar suspiros de donzelas apaixonadas. Donzelas. Não gostava delas e podia perceber que a mulher à sua frente nada tinha em comum com elas. Era uma mulher que ele gostava de olhar. E com quem gostaria muito de conversar. De ouvir a voz. De conhecer os pensamentos. Os sonhos. Os segredos. Os medos. Surpreendeu-se com esses sentimentos, tão novos e ao mesmo tempo tão familiares. Quando sentira isso pela última vez? A resposta, claro, era nunca. Mas havia algo ali reconhecível. E assustador.

Um galho estalou no fogo e um chiado forte se fez ouvir quando uma grossa gota de gordura caiu nas brasas rubras. Ele instintivamente virou a carne, oferecendo o lado que estivera para cima, cru, aos carinhos do fogo, deixando com que o calor fizesse seu

trabalho. A parte que estivera em contato com a grelha tinha um tom acastanhado que o agradou. Estava exatamente como ele queria. Mais um pouco e comeriam. Ao menos era o que ele imaginava. Gostara dela. Ela não o via com repulsa. Seria natural dividirem uma refeição. E, com sorte, algumas palavras. Talvez um elogio às suas habilidades culinárias. Ele sempre gostara de preparar a carne nos acampamentos e, dizia-se, era um dos melhores assadores. Acertava perfeitamente o ponto e extraía o melhor sabor que a carne podia fornecer. Esta noite dividiria isso com ela, ele tinha certeza.

Ela o vira virar a carne e achou que ele o fizera cedo demais. Não era muito afeita a preparar comida, mas se ela estivesse preparando aquele pedaço de carne o teria deixado ficar mais um tempo. Não achava que ficaria bom daquele jeito. Mas como não falaram nada nem se encararam novamente, ficou em silêncio, olhando para o fogo mas cuidando cada movimento daquele homem com o canto dos olhos. Ele parecia absorto em vigiar a carne que chiava, mantendo-se teimosamente em silêncio. Por que não falava alguma coisa? Ela teria respondido, nem que fosse por ser educada. Não começaria uma conversa com ele, mas certamente não fugiria de uma. Talvez ele não a julgasse digna de uma conversa? O pensamento a fez sentir um certo desconforto na boca do estômago, algo inexplicável. Sua testa enrugou-se sem que ela percebesse. E se ela não fosse agradável para ele? Fitou teimosamente o fogo, concentrada em suprimir sua vontade de encará-lo novamente. Sabia que o olhar dele, fixo no dela, saberia o que ela pensava. Sabia que ele veria sua alma. Leria seu coração. Entreabriu os lábios ao dar-se conta do quanto esta perspectiva a assustava.

Nada disso foi percebido por ele, concentrado que estava em deixar a carne perfeita. Quando achou que ela estava pronta, cortou uma fina fatia sobre a grelha mesmo, usando sua faca. Espetou o pedaço tostado, com uma crosta crocante de gordura grelhada e com um gesto lento aproximou-se dela, oferecendo-o. Ela adejou um olhar e acenou negativamente. Ele insistiu, mas ela voltou a balançar a cabeça uma vez. Não foi um gesto descortês ou grosseiro. Apenas definitivo. Não comeria. Imaginava que ele, tendo feito a refeição e dividido sua comida com ela, sentir-se-ia no direito de exigir seus favores. E isso ela não sabia se queria. Ele ficou visivelmente decepcionado. Esmerara-se tanto e imaginara que ela iria gostar, mas ela agora recusava-se a comer com ele. Quase perguntou por que, mas refreou a língua. Ela devia ter seus motivos. Todas as mulheres o tinham. Embora ao longo da sua vida nunca os tivesse respeitado muito, agora se sentia diferente. Com ela, pelo menos. Recuou, sentou-se e comeu ele mesmo a carne. E continuou comendo até consumir metade do que assara. De bom grado teria comido mais, sua fome ainda não estava saciada, mas quando preparara aquele pedaço tinha a intenção de dividi-lo com ela. E assim faria, quer ela quisesse ou não: metade da carne era dela. Colocou o restante da carne em um canto da grelha, para que se mantivesse quente mas não queimasse, e deixou sua faca ao lado. Talvez ela quisesse comer depois. Não saberia dizer se estava bom ou ruim. A recusa dela em partilhar a refeição tirara-lhe toda a alegria que poderia ter extraído daquele ato simples, de dividir uma ótima carne.

Ela o viu comer, um tanto confusa sobre o que acontecia. A carne tinha uma aparência esplêndida e o cheiro fazia seu estômago se contrair como se gritasse que queria um pedaço. Engoliu grandes goles de saliva mas manteve-se imóvel. Era orgulhosa e sentia que se estendesse a mão e pedisse um pedaço estaria capitulando, se rendendo. E isso ela não admitiria. Ele poderia tê-la se quisesse. Ela não poderia evitar. Mas ela não se daria assim. Não se renderia. Surpreendeu-se com o gesto dele de deixar a faca junto à carne. Será que era tão estúpido a ponto de não perceber que ela poderia apunhalá-lo com aquela mesma faca? Afastou imediatamente este pensamento: a forma como ele se movia, com total confiança, a fazia perceber que ele sabia se cuidar muito bem. Não teria chance numa luta corpo a corpo com ele. Provavelmente ele se irritaria e a machucaria ainda mais do que ela esperava que ele o fizesse, ainda naquela noite. Nada

insuportável. Nada que não conseguisse esquecer até que a lembrança fortuita a pegasse desprevenida em algum sonho.

Achou que ele resolvera tomar uma atitude normal quando ele se levantou. Talvez agora ele a tomasse. Instintivamente seu corpo levantou-se também, embora uma voz dentro dela gritasse para fazer o contrário. Se permanecesse imóvel talvez ficasse invisível. Brincava assim quando era criança, mas ela fora amaldiçoada com uma aparência que parecia agradar às pessoas, sobretudo aos homens que sempre a encontravam. Deu-se por si mesma parada à frente dele. E os olhos se encontraram novamente.

Ela era mesmo alta, ele percebeu. Não tanto quanto ele, mas mais do que a maioria das mulheres. E bonita, sem dúvida. Um porte elegante, agradável de se ver, digno de ser contado em versos ou cantado em melodias de taberna. Mas novamente foram os olhos que prenderam sua atenção. Ou o olhar, ele corrigiu-se. A luz ali presente. Oblíqua. Outonal. Límpida. Transparente. Sentiu que havia ali um infinito número de possibilidades. E também sabia que a decisão não lhe cabia, mas sim a ela. Com os olhos fixos nela pronunciou a única palavra que se ouviria naquela cabana durante toda aquela noite. E foi uma pergunta:

- Abraço?

Ela não pensou, apenas afastou os braços e enlaçou o homem. Sentiu as mãos dele em suas costas, o calor que emanava dele, o cheiro de couro e cavalo que ele tinha. Um banho lhe faria bem, ela pensou, embora, curiosamente, nada houvesse ali que a fizesse ter vontade de largá-lo.

Ele sentiu o corpo flexível moldar-se ao seu, sem nenhuma sombra de tensão. A cintura era fina, a pele agradável ao toque e tinha um cheiro que lhe pareceu familiar embora ele jamais conseguisse dizer porquê. Apenas gostou, entregou-se ao abraço pelo tempo exato de uma batida do seu coração. Se o fizesse por mais tempo não conseguiria largá-la. E não era assim que queria que as coisas acontecessem. Não a submeteria à sua vontade. Ela merecia mais do que isso. E ele também.

Quando ele a largou ela ficou surpresa. Talvez um tanto decepcionada. Certamente confusa. Ele sorriu, rapidamente, voltou-se e saiu da cabana. Ela sentou-se junto ao fogo, sentindo uma sensação estranha de vazio, como se o calor junto ao fogo diminuísse sem ele ali. Seus olhos repousaram na carne sobre a grelha e passearam até a faca. Permitiu-se sorrir, um sorriso que ela costumeiramente dava apenas para si mesma, mas que por um momento gostaria de ter dividido com ele. Pegou a faca, cortou um pedaço de carne e mastigou com gosto.

Lá fora a noite estava fria. Haveria lua cheia, ele sabia, mas ela ainda não se mostrara no céu. Abriu seus alforjes e de lá retirou uma coberta grossa, de lã de ovelha. Deitou-se na grama, junto à parede da cabana, apoiando a cabeça na sela, como se fosse um travesseiro. Estendeu a coberta sobre si mesmo e relaxou. Tinha a barriga cheia de carne, a cabeça cheia de lembrança e o coração carregado de sentimentos estranhos. Fechara os olhos por um instante mas agora os abriu, surpreso com este pensamento. Seu coração não estava cheio. Na verdade tinha um buraco, faltava alguma coisa. E ele percebeu que o buraco tinha, exatamente, os contornos dela. O corpo daquela mulher caberia exatamente ali, preenchendo-o. Foi estranho descobrir isso. Mais estranho perceber que tais palavras que se formavam em sua mente, claras e definitivas como se ele as tivesse pronunciado em voz alta. Era um guerreiro. Desde quando virara poeta? Olhou para o céu acima, onde as estrelas ainda não empalideciam com a luz da lua. Brilhavam intensamente, quase zombeteiras. Não se importou. Seus ouvidos denunciaram o movimento dela dentro da cabana: ouviu a faca raspar de leve na grelha e soube que ela comia a carne. Sorriu. Era bom alimentá-la. Seria bom tê-la por perto. Uma súbita rajada de vento o fez arrepiar-se. Aconchegou-se mais no cobertor. O inverno estava próximo. A luz do outono sumiria da paisagem, mas estaria ainda nos olhos dela.

O frio ia ser intenso no inverno, seus ossos pareciam lhe dizer. A pele dela junto à sua seria doce, quente e confortável. Suspirou, olhando para as estrelas, momentaneamente tentado a levantar-se e voltar para dentro da cabana. Fitou as estrelas e decidiu-se: ficaria ali naquela noite. Se acordasse assim, sozinho, pegaria suas coisas e iria embora. Deixaria até sua faca. Sempre podia comprar outra. Mas não queria fazer isso. Seu desejo era outro: desejava-a. Queria que ela viesse até ele, sem dizer nada. Apenas se deitaria ao seu lado e seus corpos se aqueceriam. Ele sabia, como sabia que não lutaria outra batalha novamente, que se ela o fizesse, ele não iria embora dali por vontade própria. Ficaria pelo tempo que ela quisesse. Simples assim. Sorriu para as estrelas, tranquilo, sem sentir-se tenso ou aflito. Sabia o que queria. Mas tinha certeza que a decisão não era sua. A manhã traria, na sua luz baça, a resposta. E o seu destino. Adormeceu, sereno. A decisão cabia a ela. E, ele sabia, agora ela sabia disso também.